

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Comis Brasileira Class.: Kaiapó 25q  
Data: 14/11/93 Pg.: Comis 2 - 9

# Índios kaiapós registram sua cultura em vídeo

**Os indígenas querem mostrar a visão que eles próprios têm de seus costumes**

Foi-se o tempo em que índio queria apito e gravador. Hoje, índio quer câmeras de vídeo e equipamentos para editar os costumes de seu povo e a sua moda, exibi-los ao branco ou guardá-los para a posteridade. Ao contrário do que pretendia o cacique e ex-deputado federal Juruna com seu gravador de intimidar político, o administrador do Parque Indígena do Xingu e líder kayapó, Megaron Txukarramãe, conta que seu povo tomou gosto pelas filmadoras em 1985, mas com o propósito de só trabalhar pela preservação da cultura indígena.

Filmadoras e projetores estão mais próximos dos índios do que se imagina. O chefe kayapó, sobrinho do cacique Raoni (que ficou famoso ao defender a preservação da Amazônia ao lado do cantor Sting) explica que "antes, o branco ia às aldeias, filmava o que queria e só mostrava lá fora o que lhe parecia bom. Agora, nós fazemos as imagens, editamos e divulgamos o que queremos ao branco", conta. Recentemente, com a estruturação do Centro Visão e Imagem Indígena (CVII), esse trabalho cresceu tanto que os japoneses sentaram para assistir aos vídeos levados por Megaron ao Yamagata International Documentary Film Festival, ocorrido de 5 a 11 do mês passado.

A coletânea de imagens de filmes feitos por seis kayapós foi inteiramente editada no CVII, fundação de apoio a esse trabalho. Lá, é claro, o material também é manuseado pelo branco, recebendo, além dos cuidados de Megaron (diretor-presidente dessa organização não-governamental) a supervisão de Paulo Pinagé e Carlos Salgado, também à frente das atividades da fundação. De Yamagata, no Japão, o líder Txukarramãe seguiu a Jōchi University, no mesmo país, onde, à convite de autoridades japonesas, proferiu uma conferência sobre os problemas gerais do índio no Brasil, falando da problemática da demarcação de terras por aqui e de outros temas ligados a seu povo.

Ainda no mês passado, Megaron foi aos Estados Unidos e, em Los Angeles, fez vários contatos na University Southern California. Foi lá que o chefe indígena encantou-se pelos equipamentos de primeira geração e

voltou com a idéia de estabelecer contatos com a universidade americana para garantir a preservação do acervo de fitas. "Não conseguimos guardar por muito tempo nossas fitas, porque estragam", constata, lembrando que os equipamentos americanos garantem a durabilidade do material filmado — trata-se de um mecanismo do tipo disc-laser para imagens.

**Planos** — Além de servir como acervo para as imagens sobre as comunidades indígenas, o CVII pretende criar um banco com as imagens que possam resgatar obras etnográficas, além de treinar os índios para manejar as câmeras e fazer edição do material. O CVII, segundo Paulo Pinagé, foi criado em 1990, quando ele ainda trabalhava na Funai e lá conheceu Megaron. No entanto, "a fundação só começou a executar mesmo os trabalhos propostos este ano", explica Pinagé.

Sediado em Brasília, no Setor de Diversões Sul, o CVII trabalha em sintonia com a Associação Iprere, criada pelos próprios índios Kayapós, na tentativa de viabilizar as filmagens. Empolgado com o projeto colocado em prática através do CVII, o líder Txukarramãe, que há cerca de oito anos dirige o Parque Indígena do Xingu e atua como mediador entre índios e brancos, diz que o Japão tem interesse pelo que está acontecendo com os índios brasileiros e a revisão constitucional, assim como outros países.

Tanto sucesso faz lá fora o trabalho mostrado aos japoneses que Megaron foi citado em matéria no *Japan Times*, no dia 15 do mês passado. O jornal falou sobre o problema brasileiro de demarcação de terras indígenas, do qual falou Megaron, e das condições precárias em que vivem os índios brasileiros, segundo o chefe Txukarramãe, que administra um parque onde vivem cerca de dez mil índios, no Xingu.

■ Socorro Ramalho

ARQUIVO



Kiab Jety edita um vídeo; Megaron diz que o povo indígena tomou gosto pelas filmadoras

ZULEIKA DE SOUZA



## O intercâmbio entre os povos é um objetivo

**Tribos querem trocar suas impressões em videocassetes**

Tantas vezes filmados por antropólogos e jornalistas, à mercê da visão que cada um deles quisesse passa adiante, os Kayapó decidiram adotar as câmeras como instrumento de trabalho. A proposta, feita por três cinegrafistas cariocas, que visitaram os Metyktire (grupo kayapó) em 1985, de pronto foi aceita. Restava então o desafio de se obter os equipamentos necessários à execução do novo ofício, o que não

foi difícil, depois de uma reportagem que a tevê inglesa fez com esse povo.

Os cara-pálidas ingleses deixaram uma câmera para os kayapó, e o resto ficou por conta da habilidade indígena, lembra Megaron. De lá para cá o líder Kayapó e mediador entre índios e brancos, conta que seu povo ficou matutando uma maneira de estruturar o trabalho de filmagens, daí surgiu a associação Iprere, no ano passado. Logo depois veio ao CVII, e com as imagens em mãos os Kayapó começaram a enviá-las aos parentes. "Hoje nossa intenção é melhorarmos ainda mais nosso trabalho de filmagens para trocarmos registros entre nosso povo", justifica o chefe Txukarramãe, adiantando que desta forma a cultura indígena estará segura, através dessa técnica branca que praticamente, só os kayapó dominam no Parque Indígena do Xingu, em Mato Grosso.

Aculturado pelo antropólogo Orlando Villas-Bôas o líder Kayapó começou a aprender a língua portuguesa aos 14 anos, tornando-se um grande líder no "Xinguzão", área que compreende toda a região do parque do Xingu, Mato Grosso e Pará. Megaron é solicitado para resolver brigas de família e peijas entre brancos e índios.

Quanto às filmagens, Paulo Pinagé

lembra que todo o trabalho "começou a ser desenvolvido muito precariamente" e que só depois da estruturação do CVII, os índios passaram a editar as próprias imagens. "Eles já perderam toneladas de imagens, principalmente as guardadas na casa de Raoni, que pegou fogo", conta Pinagé, lembrando que só há cerca de dois meses o CVII vem atuando de fato.

No momento os índios Kayapó contam com três câmeras e um projetor e já podem editar seus trabalhos na sede do CVII, assim como está fazendo o jovem índio Kabjet, que seleciona imagens para serem exibidas nos Estados Unidos. Sendo um dos primeiros Kayapó a aprender a lidar com as filmadoras, o índio se diz satisfeito em poder editar o trabalho. Acostumado a ter suas imagens levadas aos EUA pelas mãos do antropólogo Terence Turner (que doou uma das câmeras aos índios e por muito tempo trabalhou com os Kayapó), o índio Kiabjety comemora: "Pela primeira vez edito as imagens que escolhi.

**Cultura** — O chefe Kayapó não edita suas imagens. O Txucarramãe só dirige e filma seus trabalhos, coisa que cai bem a um líder do seu porte. Aos 43 anos Mekaroti (espírito

grande), tradução de seu verdadeiro nome, pertencente a etnia Kayapó Metyktire, do grupo linguístico Gê, não brinca em serviço. Familiarizado com as invenções do homem branco, o chefe indígena não se cansa de enviar Fax a outros países que manifestam interesse nesse novo trabalho Kayapó. Estou preocupado com a preservação da cultura do meu povo", reafirma.

Por isso, Megaron está sempre atento às possibilidades de obter recursos para tocar essa empreitada adiante, afinal não recebem apoio de órgãos governamentais ou privados com exceção da ajuda de antropólogos, como Terence Turner, que divulga as imagens dos índios nos EUA. Outra importante colaboração está para chegar do Japão, segundo informa o Txukarramãe, com muita ansiedade. "Estamos esperando receber um novo equipamento da panasonic para melhorar a nossa qualidade de trabalho", revela Pinagé.

Paulo Pinagé conhece Megaron há cerca de cinco anos, quando ainda trabalhava na Funai, e hoje dedica-se exclusivamente à estruturação do CVII. Para ele não é difícil trabalhar com os índios, "difícil é conseguir recursos".